



REVISÃO TEXTUAL E A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA

Patrícia Souza Lemos¹
Marcia Helena de Melo Pereira²

INTRODUÇÃO

A atividade de revisão textual caracteriza-se pela intervenção do profissional revisor em textos acadêmicos, científicos, literários, jornalísticos etc., a fim de contribuir para sua legibilidade, para sua adequação linguística e para ser apresentado a um público (D'ANDREA & RIBEIRO, 2010). Estas intervenções não se limitam apenas à correção de 'erros' gramaticais, mas visam identificar e solucionar questões como, por exemplo, ambiguidades, trechos truncados, trechos obscuros, isto é, construções que, muitas vezes, provocam dificuldade de compreensão para o leitor.

De acordo com Guedes (2013), não é possível informar com exatidão quando surgiu a revisão, como atividade profissional, mas é possível relacioná-la com os primeiros registros de escrita. Conforme Oliveira (2016), o desenvolvimento da tecnologia, especialmente com a criação da prensa gutembergiana e o surgimento de jornais, editoras e revistas, tornou possível a reprodução de muitas obras, sendo necessária a revisão desses textos, entre outros serviços editoriais.

Assim, foi-se construindo, ao longo do tempo, discursos a respeito dessa atividade, a revisão de textos. A esses discursos chamamos, aqui, memória discursiva (ou interdiscurso), onde questões de ordem sócio-históricas se cruzam, produzindo sentidos – efeitos de sentido (PECHÊUX, 1988). Dessa forma, objetivamos refletir a respeito da construção de memória referente à revisão, com base na Análise de Discurso pecheutiana, em textos teóricos que versam sobre revisão, e em materialidades discursivas produzidas por um revisor e uma possível cliente, com destaque especial para expressões que denotam efeitos de sentido.

1 Mestranda em Linguística, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB – Brasil). Endereço eletrônico: patricianoslemos@hotmail.com

2 Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), campus de Vitória da Conquista, (PPGLin/DELL/UESB – Brasil). Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br



Nosso interesse em refletir sobre os discursos em torno da revisão se justifica em razão de concepções de revisão que vão desde uma “olhadinha” no texto até um serviço editorial voltado para a adequação de textos para fins de publicação – de divulgação e circulação na sociedade.

METODOLOGIA

Em relação aos aspectos metodológicos, realizamos esta investigação da seguinte maneira: inicialmente fizemos o levantamento bibliográfico, com a leitura de textos teóricos que versam a respeito da atividade de revisão textual e de textos que tratam da noção de memória, com base na Análise de Discurso de linha francesa. Além disso, selecionamos duas materialidades discursivas, ilustradas por meio de figuras: uma mensagem de *e-mail* de uma possível cliente de um revisor e um trecho de resumo sobre a revisão, disponibilizado em um site de um profissional que trabalha com a revisão – materialidades que sugerem concepções sobre a revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Destacamos, resumidamente, que a AD pècheutiana representa uma articulação/ressignificação de ciências/teorias, a fim de dar conta de sua teorização/formulação, na qual a língua, sendo considerada uma estrutura (Saussure), passa a ser vista como o lugar onde o discurso se materializa, ou seja, a língua em seu funcionamento, e não como algo abstrato; além disso, o materialismo histórico, renovado por Louis Althusser, com base nas leituras de Marx, e a psicanálise lacaniana ganham destaque nesta articulação que propõe causar um abalo no campo das ciências sociais (HENRY, 1993) – produção/reprodução do conhecimento.

Nesse contexto, a formação ideológica surge como um elemento que coloca em confronto forças de controle do indivíduo, mediante os aparelhos ideológicos do Estado, visto que cada formação ideológica possui características de uma formação social, pondo em jogo, então, as posições de sujeitos (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2011). Nessa relação de luta de classes, a língua não é considerada um meio para a comunicação, ou



instrumento; ela é funcionamento, é o lugar onde o discurso se materializa (PECHÊUX, 1988).

Nesse sentido, propomos, aqui, uma reflexão sobre a constituição da memória (ou interdiscurso) relativa à atividade de revisão textual, ou seja, ao ‘já dito’, com base em duas materialidades nas quais podemos observar efeitos de sentido produzidos por dois sujeitos, levando em consideração o lugar de onde falam.

A Figura 1, a seguir, apresenta um trecho de *e-mail* enviado por uma possível cliente de um revisor, no qual deseja saber a respeito dos serviços realizados em um TCC, dizendo o seguinte: “Boa noite [nome], há dois anos você **ajeitou** o tcc do meu noivo rs. Teria como me passar seu telefone novamente? Pois perdi seu contato, só achei seu e-mail, pq tínhamos da vez passada! Gostaria de saber também qual os trabalhos em que faz referente ao TCC!?”

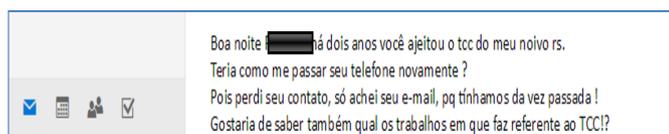


Figura 1 – Trecho de e-mail enviado por cliente
Fonte: Banco de dados dos pesquisadores.

Conforme o excerto anterior, o sujeito cliente refere-se à atividade de revisão dizendo que o profissional “ajeitou” o texto (destacado em negrito), vinculando o ato de adequação do texto, do ponto de vista linguístico-gramatical (D’ANDREA & RIBEIRO, 2010), ao ato de “dar um jeito”, “arrumar” algo, sendo esta uma maneira bastante simplória de tratar o processo de revisão textual, considerado uma das etapas de construção de textos (OLIVEIRA, 2016) na perspectiva da Linguística Textual.

Na Figura 2, que se segue, apresentamos um breve resumo que se encontra em um site no qual um profissional revisor divulga seus serviços. Assim diz o texto: “Revisão de Textos. É um trabalho de **corrigir erros** ortográficos, gramaticais, buscando uma maior coerência e correção do texto, observando-se a linguagem padrão, as normas oficiais da língua portuguesa, mas sempre tendo em mente que, dependendo do estilo do texto e de seu objetivo, formatá-lo dentro de uma regra padrão seria alterá-lo e distanciá-lo de sua ideia original. Um texto em que o autor quer retratar um falar [...]”.

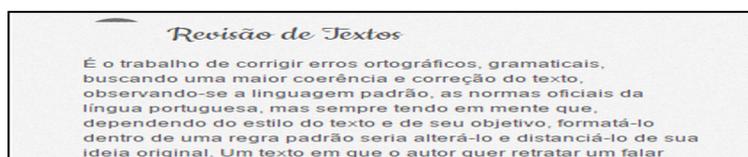


Figura 2 – Trecho retirado de site de revisão

Fonte: Retirado de <<http://marcusrevisor.com.br/#servicos>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

Com base na Figura 2, o trecho “corrigir erros” (destacado em **negrito**) como outro efeito de sentido decorrente de ‘revisar’, além de “ajeitar”, “arrumar” o texto. Vemos, neste exemplo, uma ampliação do discurso referente à revisão, principalmente por se tratar de um profissional que lida com a revisão. Portanto, as condições de produção do discurso permitiram efeitos de sentido como “ajeitar” e “corrigir erros”, uma vez que esses sujeitos falam de lugares: cliente e profissional.

Oliveira (2016, p. 17), discutindo sobre a atividade de revisão, afirma que a concepção de revisão como correção de erros de ortografia e de desvios gramaticais se baseia no senso comum, uma vez que “focalizam apenas aspectos estruturais do texto”. A autora apresenta, ainda, outras concepções de revisão, fundando-se em diversos outros estudiosos (BOIARSKY, 1982; MARDER et al., 1982; FITZGERALD, 1989; GEHRKE, 1993, entre outros), propondo a revisão textual como uma ‘atividade reflexiva e expressiva’, um ‘conjunto de processos’, um ‘ajuste de intenções e convenções’; enfim, a revisão representa muito mais do que “dar uma olhadinha” no texto, “ajeitá-lo” ou “corrigir erros”: trata-se de um processo, uma etapa de produção do texto, com vistas principalmente à construção de seu sentido.

Vemos, portanto, que os ditos representados pelas figuras 1 e 2, do revisor e da cliente, constituem uma memória bastante simplória em relação a esse trabalho, limitando, de certa forma, a prática do revisor e a amplitude do próprio processo, o qual consideramos uma etapa da produção textual, um trabalho que exige mais do que aplicação de regras. Em outras palavras, uma atividade que envolve interação (entre autor e revisor), atenção às questões formais e de normas de textualidade, e, especialmente, negociação de sentidos – dos efeitos de sentido possíveis.

Sendo assim, acreditamos que a construção de memória discursiva desses sujeitos, no que tange à revisão, funda-se em concepções bastante simples, embora o revisor expanda um pouco mais sua acepção, ao propor “uma maior coerência” do texto. A construção de memória desses sujeitos não surge do nada, mas resulta de um discurso em circulação, de um ‘já lá’ que se funda no senso comum, em virtude da falta de conhecimento do que é, de



fato, esse processo complexo.

Nessa perspectiva, nossa hipótese é a seguinte: em decorrência de um ensino calcado em regras gramaticais, e não focado no texto, os sujeitos, muitas vezes, relacionam correção, reescrita, e, neste caso, revisão a aspectos de ordem gramatical unicamente, e não ao funcionamento da língua, na condição de discurso, pois, de acordo com Silva, Pilati e Dias (2010), várias pesquisas têm demonstrado que a escola ainda prioriza o ensino de gramática.

CONCLUSÕES

A revisão textual se caracteriza por ser um processo complexo, uma etapa relevante da construção de um texto, que envolve conhecimento, interação, negociação de sentidos, sendo, portanto, uma atividade profissional extremamente relevante para a produção, circulação e divulgação de textos acadêmicos, literários, jornalísticos etc.

No entanto, com base nos discursos de um revisor e de uma possível cliente, vimos que a constituição de memória dos sujeitos em relação à atividade apresenta-se um tanto simplória, caracterizando a revisão textual, dessa forma, como o ato de “ajeitar” o texto ou “corrigir erros” apenas, uma vez que, possivelmente, isso pode ser resultado de um ensino baseado, prioritariamente, no ensino de gramática.

Palavras-chave: Revisão textual. Memória discursiva. Efeito(s) de sentido(s).

REFERÊNCIAS

D' ANDREA, C. F. B.; RIBEIRO, A. E. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. **Revista Veredas online – aemática** – 1/2010, p. 64-74 – PPG Linguística/UFJF (ISSN 1982-2243).

GUEDES, Leticia Figueiredo. **Revisão de textos:** conceituação, o papel do revisor textual e perspectivas do profissional do texto. [2013] 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso



(Bacharelado em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7265/1/2013_LeticiaFigueiredoGuedes.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2016.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêchux**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1993, p. 13-38.

MELO, Patrícia Bandeira de. Um passeio pela História da imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço. **Comunicação e Informação**, V 8, n° 1: pág 26 - 38. - jan/jun. 2005. Disponível em: <<file:///C:/Users/patri/Downloads/24592-103588-1-PB.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. **Revisão de textos: da prática à teoria**. Natal, RN: EDUFRN, 2016. 159p.: PDF. Disponível em: <<http://repositorio.efrn.br/jspui>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

PÊCHEUX, M. Discurso e ideologia(s). In: PÊCHEUX, M. [trad. Eni P. Orlandi, Lourenço C. J. Filho, Manoel L. G. Corrêa e Silvana M. Serrani] **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988, p. 159-185.

SILVA, Kleber Aparecido da; PILATI, Eloisa; DIAS, Juliana de Freitas O ensino de gramática na contemporaneidade: delimitando e atravessando as fronteiras na formação inicial de professores de língua portuguesa. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 4, p. 975-994, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v10n4/a08v10n4.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2017.